

Susan Neiman. *O Mal no Pensamento Moderno – uma história alternativa da filosofia*.
Trad. Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Difel, 2003. 392 p.

Segundo as narrativas tradicionais, a filosofia moderna teria surgido com Descartes a partir da transformação da ontologia em epistemologia. Susan Neiman, porém, oferece-nos uma outra versão dessa história. Segundo a autora, a filosofia moderna começa a partir da separação entre os dois tipos de males, o mal moral e o natural, e o seu grande precursor não teria sido Descartes, mas sim Rousseau. Nesta história alternativa da filosofia, Neiman ‘captura’ o leitor com sua escrita; somos ‘aprisionados’ na trama de seu relato como em um romance. Já no início do livro lança-nos uma provocação: a modernidade começa com o terremoto de Lisboa em 1755 e termina com Auschwitz. O que uma catástrofe natural e uma catástrofe humana e política têm a ver com a história da filosofia, perguntamo-nos. Neiman deixa claro desde o início que para ela a grande questão da filosofia, desde os antigos, é a justificativa da existência do mal. Com a finalidade de aplacar o mal metafísico, isto é, a consciência da finitude humana, e justificar o princípio da ordem moral de acordo com o qual felicidade e virtude seriam sinônimos, a religião pagã grega supunha que o destino das pessoas era determinado pelos deuses. Esta era a única explicação capaz de justificar o sofrimento e a miséria do indivíduo virtuoso. O cristianismo redescreve a noção de destino, chamando-lhe de desígnio divino ou providência. Nada ocorre na natureza ou na vida dos homens que seja aleatório, a causa de tudo é Deus. Emblemático do desígnio divino é a história bíblica de Jó, que a despeito de sua reconhecida bondade, e até mesmo santidade, passa pelas piores privações sem que tenha cometido qualquer falta. De acordo com a moral cristã, o bom cristão é aquele que possui a fé cega e aceita os fados da vida sem esboçar conflito ou dúvida, pois dele será o reino eterno. Os racionalistas do século XVII reconfiguraram a filosofia de acordo com a época de progresso científico que viviam, porém característico deles é a manutenção da explicação conjunta dos males morais e naturais a partir da noção de um arquiteto do mundo. A *Teodicéia* de Leibniz representa justamente essa motivação teológica. Nela, Leibniz defende que a despeito da presença de enormes sofrimentos e misérias no mundo, ainda assim vivemos no ‘melhor dos mundos possíveis’. O objetivo do seu livro é justamente o de provar que a dor e a miséria são no fundo frutos da bondade divina. A causa de cada falta, erro, sofrimento, é um bem ou leva a um bem. O arquiteto investigou todas as combinações possíveis entre vidas, coisas e pessoas, e o mundo em que vivemos é fruto da melhor combinação

possível, pois não é possível banir completamente o mal e o erro do mundo, já que, em certa medida, o bem está relacionado ao mal. Porém, o terremoto de Lisboa que destruiu praticamente a cidade e matou 15 mil pessoas, pôs definitivamente essa visão de mundo de lado. Impossível crer, depois do terremoto, que haveria um desígnio divino nessa catástrofe natural. Intelectuais revolucionários como Voltaire e o Marquês de Sade vão atacar frontalmente a teoria da teodicéia. Mas o autor central desta passagem da pré-modernidade para a modernidade, diz Neiman, é Rousseau. Coube a ele a separação definitiva entre mal moral e mal natural. A causa do erro, do crime, da falta, diz Rousseau no *Emílio*, não seria *externa* ao homem, (pré-) determinada pela vontade divina, mas *interna*, isto é, fruto das suas próprias ações e escolhas. O universo das causas naturais é, portanto, inexpugnável para o homem, mas a natureza lhe presenteou com a capacidade moral inata. Todo homem nasce com a capacidade de discernir entre a bondade e a generosidade, e os seus opostos. Essa capacidade, porém, deve ser cultivada, pois do contrário poderá ser facilmente mal guiada e distorcida. A modernidade inicia-se, portanto, com o fim da teodicéia e com o reconhecimento de que cada qual é responsável por suas ações e vida. Neiman relata em seguida com riqueza de detalhes e arguta capacidade de descrição e síntese, o posicionamento dos filósofos modernos que se seguiram a Rousseau, como Kant, Hegel e Nietzsche. É interessante recapitular sucintamente a maneira como no seu relato cada qual vai construindo sua filosofia em resposta à filosofia do outro. Assim, Kant que leu muito Rousseau, chegou à conclusão de que deveríamos separar definitivamente o universo das escolhas humanas do universo das escolhas divinas, inalcançáveis ao nosso intelecto finito, porém deixou ao mesmo tempo claro que o campo da moralidade deveria ser puro. Kant levou, segundo Neiman, a noção da contingência às suas últimas consequências; vivemos sujeitos à contingência e a única forma de escapar dela e da imprevisibilidade dos efeitos das nossas ações em outros é agir sempre de acordo com uma intenção universal pura, ou seja, aquela que segue cegamente a lei moral, independente do contexto em que o sujeito estiver. Leitor de Kant, Hegel queria banir completamente a contingência da filosofia, para tal, diz Neiman, ele matou Deus e divinizou a consciência, deu-lhe a capacidade de, a partir do processo histórico, se autoconhecer, autodeterminar e progredir rumo a sua máxima realização no universal concreto. Nietzsche, leitor de Kant e Hegel, foi um dos maiores críticos do idealismo alemão. Ao seu ver, não há realização possível no universal, o indivíduo só pode atuar e realizar-se em sua própria existência. Tão pouco há necessidade de querermos escapar da contingência por temor à

imprevisibilidade do futuro. Para Nietzsche essa é uma atitude covarde e ressentida de quem não gosta no fundo da vida. Ao contrário, o filósofo nietzscheano ama a vida e o mundo contingente, ainda que este seja cheio de dor e miséria. A ideia de afirmar a dor e o sofrimento e não temer o que possa ocorrer no futuro está expressa nas doutrinas do eterno retorno do mesmo e do *amor fati*: amamos prometeicamente o nosso destino ainda que lhe desconhecamos e, por isso, afirmamos que não importa que não saibamos o que faremos ou seremos, ainda assim, faríamos tudo outra vez. O modelo intencionalista moderno acerca da responsabilidade pela ação e escolha vai, porém, entrar em choque com a visão de mundo pós-Auschwitz.

O que se observou no julgamento dos oficiais nazistas responsáveis pelo genocídio judeu? Eles não se julgavam responsáveis, nem se sentiam culpados pelo ocorrido. Como imputar culpabilidade a pessoas que aparentemente são desprovidas de qualquer maldade. Os oficiais comportavam-se como cidadãos pacatos e comuns de qualquer província alemã e não assassinos cruéis e violentos, cheios de malícia e premeditação. O retrato desse choque com a ‘banalidade do mal’ foi descrito primorosamente por Hannah Arendt no *Eichmann em Jerusalém*. O relato de Arendt do julgamento em Israel do oficial nazista responsável pelo transporte dos judeus para os campos de concentração poloneses, mais de quinze anos após o fim da guerra, representa, para Neiman, o melhor do que se escreveu até hoje sobre a gênese da maldade do século XX. Hannah Arendt desmistifica a maldade ao nos mostrar que no fundo ela não representa uma patologia exclusiva a sanguinolentos psicopatas, ao contrário, ela pode surgir como fruto de pequenas vaidades, como o crescimento na carreira, ou a simples vontade de autopreservação. Além disso, no caso alemão, a propaganda nazista incutiu profundamente nas mentes alemãs a ideia de que todos estavam participando de um grande e nobre movimento coletivo. Por outro lado, os relatos de atos heroicos ocorridos nesse período, de pessoas que perderam suas vidas para salvar a de outras, levam Arendt, diz Neiman, a retomar ideia de uma teodicéia pós-moderna, laica.

O mal na avaliação de Arendt existe e não pode ser simplesmente extinguido; não é algo que possa ser combatido somente com educação moral e boa intenção; ele é como um fungo que se espalha, não é profundo, não possui intenção, mas pode se espalhar com rapidez. Na nossa vida cotidiana, banal e trivial, pode crescer despercepidamente e, quando menos se espera, tomar conta da nossa alma e emoção,

deixando-nos frios e egoístas com relação à dor de outros. Como combatê-lo? Como convencer as pessoas a darem o melhor de si e não o pior? Arendt retoma a ideia rousseauiana segunda a qual nascemos com a capacidade inata, natural, para o bem e para o amor. Graças a essa capacidade inata queremos a preservação do mundo e nos sentimos responsáveis por ele. A predominância do desejo de sentir-se em casa (*amor mundi*) pode inibir o descaminho para o mal inerente à atual condição humana na sociedade tecnocrata e seu modo de vida planejado, e planificado. No confronto das forças, espera-se que o compromisso com a humanidade se sobressaia, mas já não temos a ilusão de que possamos nos livrar completamente da sua ameaça.

Susan Neiman foi aluna de John Rawls e Stanley Cavell em Harvard. Talvez por causa da influência do segundo sobre suas formação intelectual, encontramos ao longo de todo este livro referências constantes a grandes romancistas. Goethe, Dostoiévski, Lessing, Camus, Sade, entre outros, estão lado a lado com Hume, Voltaire, Schopenhauer, Hegel, entre outros. Certamente, a origem do mal não é um tema exclusivo da religião ou da filosofia, mas também da literatura. Considero primorosas as passagens em que Neiman analisa as obras de Sade e Camus, nos capítulos três e quatro, respectivamente.

Alguns leitores talvez venham a considerar que trata-se aqui mais propriamente de uma história da religião do que de história da filosofia moral, pois a autora aborda, dentre outras coisas, a teodicéia, o maniqueísmo, a teoria filosófica da religião natural, o deísmo, o gnosticismo etc. Penso, porém, que este livro vem nos mostrar o quanto as duas estavam (estão?) imbricadas. O mal ainda é hoje um tema predominantemente religioso, mas tem presença tácita forte na filosofia moral e política. Não podemos discutir cada qual separada da outra, sob o risco não conseguir explicar adequadamente os fenômenos sociais e políticos da atualidade. Neiman analisa em seu livro o atentado terrorista de 11 de setembro às torres gêmeas de Nova Iorque. Acredito que demonstra coragem intelectual ao assumir a tarefa de analisar um fenômeno relativamente recente dentro de um quadro de conceitos filosóficos morais, mas dá conta do recado com classe, sem cair em clichês ou simplificações. Um livro para ser lido e relido.

Susana de Castro